

REPRESENTAÇÃO E ANÁLISE: SEMIOLOGIA E INTERTEXTUALIDADE NA ADAPTAÇÃO DE STANLEY KUBRICK NO FILME LARANJA MECÂNICA

Sabrina Biondi Boronovi Guida (IC) e Patrício Dugnani (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

No contexto pós-moderno, o sujeito se depara com a angústia de não conseguir vislumbrar certezas claras e um futuro concreto na sociedade contemporânea. O sujeito pós-moderno busca refúgio em modelos que aparentem uma maior solidez. Nesse cenário, o cinema de Stanley Kubrick, em especial a obra Laranja Mecânica, torna-se um reflexo destes sintomas, incorporando a simetria como um elemento visual que dialoga com os estudos semiológicos de Ferdinand Saussure, além da abordagem semiótica/intertextual de Roland Barthes. Este artigo tem como propósito analisar as relações intertextuais e a estética pós-moderna na obra selecionada. Para concretizar essa análise, o estudo se apoia em uma abordagem teórica, exploratória e analítica, ancorada nos estudos de intertextualidade de Roland Barthes, bem como nos métodos semiológicos propostos por Ferdinand de Saussure e Gemma Penn. A investigação também busca entender como a simetria e referências presentes na obra de Kubrick dialogam com os conceitos semióticos e intertextuais, proporcionando uma compreensão mais profunda da estética e dos significados subjacentes à adaptação cinematográfica de Laranja Mecânica.

Palavras-chave: Intertextualidade, Cinema, Adaptação.

ABSTRACT

In the postmodern context, the individual is confronted with the anguish of not being able to envision clear certainties and a concrete future in contemporary society. The postmodern subject seeks refuge in models that appear to offer greater solidity. In this scenario, Stanley Kubrick's cinema, especially the work "A Clockwork Orange," becomes a reflection of these symptoms, incorporating symmetry as a visual element that engages in a dialogue with the semiotic studies of Ferdinand Saussure, as well as Roland Barthes' semiotic/intertextual approach. The purpose of this article is to analyze intertextual relationships and postmodern aesthetics in the selected work. To accomplish this analysis, the study relies on a theoretical, exploratory, and analytical approach, anchored in Roland Barthes' intertextuality studies, as well as the semiotic methods proposed by Ferdinand de Saussure and Gemma Penn. The investigation

also aims to understand how the symmetry and references present in Kubrick's work interact with semiotic and intertextual concepts, providing a deeper comprehension of the aesthetics and underlying meanings in the cinematic adaptation of "A Clockwork Orange."

Keywords: Intertextuality, Cinema, Adaptation

INTRODUÇÃO:

A adaptação de obras literárias para o cinema é um processo complexo que envolve diversas questões, como a fidelidade ao material original, a transformação de elementos narrativos em elementos visuais e a interpretação dos personagens pelos atores. Nesse intrincado cenário de interação entre literatura e cinema, a adaptação cinematográfica se torna frequentemente uma tela onde cineastas têm a oportunidade de transmutar a palavra escrita em uma narrativa visual, promovendo uma convergência de expressão artística, interpretação e reinterpretação. Esse processo complexo entrelaça estéticas literárias e cinematográficas, convidando a explorar como temas, emoções e conceitos literários são traduzidos, intensificados ou até mesmo matizados através da lente da narrativa visual. Assim, a adaptação não se limita apenas à transferência de conteúdo de um meio para outro, mas configura uma coreografia intrincada que permite emergir uma narrativa distinta no domínio cinematográfico, ao mesmo tempo que preserva a essência da obra literária original.

Essa pesquisa, pretende fazer uma reflexão da adaptação do romance **Laranja Mecânica** de Anthony Burgess (1962) para o cinema, realizada por Stanley Kubrick (1971), utilizando os conceitos da semiologia, principalmente da intertextualidade de Barthes (1990), apoiado, também, na análise de Gemma Penn (2007) e os estudos de Ferdinand Saussure (1995). Abordaremos a relação entre os signos verbais e não verbais utilizados no filme, a construção da personagem principal Alex e a representação visual do ambiente futurista retratado na obra. A partir desse tema, foram formuladas questões de pesquisa que nortearam a observação, análise e a concepção do problema por meio do estudo realizado: De que forma, a organização dos significantes conduziu o filme ao resultado das representações que foram expostas ao público? Por que é importante analisar a intertextualidade, pelo viés da semiologia para compreender a estética usada na adaptação de Laranja Mecânica para a sétima arte?

Ademais, o artigo busca estudar mais a fundo a própria semiologia e os signos usados na adaptação, partindo dos princípios da análise de linguagem visual, intertextualidade e a Pós-modernidade (BARTHES, 1990 e DUGNANI, 2019). Esperamos contribuir para a compreensão da complexa relação entre literatura e cinema e para o uso da semiologia de Barthes (1990) como ferramenta crítica para a análise de adaptações cinematográficas e de outros tipos de signos.

Com o objetivo de proporcionar uma leitura coerente e fluída, optou-se por dividir os capítulos deste artigo de acordo com o tema central abordado em cada etapa de desenvolvimento. Dessa forma, procurou-se organizar a estrutura do texto de maneira clara e direcionada, a fim de facilitar a compreensão e a assimilação dos conteúdos apresentados.

No primeiro capítulo será introduzido o estudo da semiologia com o pensamento de Roland Barthes (1990), associado à Ferdinand Saussure (1995), o qual direcionará a análise da adaptação de Stanley Kubrick. Além da apresentação ao leitor sobre a estética da intertextualidade (DUGNANI, 2019) que será um método de grande importância para a compreensão da adaptação cinematográfica.

Durante o segundo capítulo serão explorados os signos e significantes presentes na linguagem visual utilizada na adaptação. Essa, repleta de componentes visuais que remetem ao estudo da semiologia e intertextualidade, além de apresentar a relação com o uso da paródia e citação, estratégias tão comuns no momento histórico contemporâneo, que será denominado como Pós-modernidade (DUGNANI, 2019).

Em seguida, exploraremos o problema da pesquisa e como os estudos dos teóricos citados estão presentes na adaptação da obra de Anthony Burgess (1962), sendo desenvolvido um estudo sobre a constituição de significados presentes nos componentes visuais utilizados na obra cinematográfica de Stanley Kubrick.

Dessa forma, a pesquisa se propõe a oferecer uma análise aprofundada das estratégias semióticas e intertextuais empregadas na organização dos significantes no filme, explorando como essas escolhas influenciaram as representações visuais e simbólicas percebidas pelo público. Através dessa investigação, espera-se contribuir para uma compreensão mais abrangente da relação entre a semiologia, a sociedade

pós-moderna e a estética cinematográfica, evidenciando como a organização dos significantes é um fator crucial na construção de significados e interpretações em adaptações cinematográficas contemporâneas.

2. DO MÉTODO: SEMIOLOGIA E INTERTEXTUALIDADE

Roland Barthes (1990) é um dos principais teóricos da semiologia, campo de estudo que se dedica à análise dos sistemas de signos e significados presentes em diferentes formas de comunicação, como a linguagem, a imagem e o gesto.

A abordagem semiológica de Barthes (1990) tem muitos pontos de contato com o pensamento de Ferdinand Saussure (1995), considerado o pai da semiologia. Ambos se preocupam em compreender como os signos são produzidos, codificados e decodificados em diferentes contextos sociais e culturais. Saussure (1995) enfatiza a natureza arbitrária e convencional dos signos linguísticos, argumentando que a relação entre o significado e o significante é estabelecida apenas por convenção social.

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego semeíon, 'signo'). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Lingüística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia. (SAUSSURE, 1995, p.24)

Barthes (1990), por sua vez, amplia essa visão, afirmando que todos os signos são arbitrários e convencionais, não apenas os signos que se constituem pela percepção dos fenômenos como afirmava Charles Sanders Peirce (NOTH, 1998). Outra contribuição importante de Barthes (1990) para a semiologia é a noção de que os significados não são fixos e imutáveis, mas sim construídos socialmente e historicamente. Ele argumenta que os significados são produzidos e transformados em diferentes contextos culturais e ideológicos, e que essa produção está sujeita a constantes disputas e negociações.

Cumpre, sem dúvida, manejar com precaução os conceitos transmitidos pela Lingüística à Semiologia, e é a essa exigência que buscam atender estes ELEMENTOS: dão-se definições que estão firmadas na ciência lingüística (a de Saussure, Hjelmslev, Jakobson, Benveniste: a de Chomsky parece ter pouca influência sobre a Semiologia, a não ser no que concerne à análise da narrativa) e que, no entanto, são sempre levadas até os limites 7 da Lingüística, onde o signo é traduzível em outros sistemas que não a linguagem articulada. Os ELEMENTOS DE SEMIOLOGIA propõem um vocabulário, sem o qual a invenção de pesquisa não seria possível. Por outras palavras, cumpre passar por estes ELEMENTOS, mas não deter-se neles. Cada leitor deve reproduzir em si o movimento histórico que, a partir destas bases necessárias, levou a Semiologia não somente a aprofundar-se (o que é normal), mas também a diversificar-se, fragmentar-se, até mesmo contradizer-se (entrar no campo fecundo das contradições), em suma, expor-se. (BARTHES, 1964, p. 7 e 8)

Assim, tanto Saussure (1995) quanto Barthes (1990) enfatizam a importância da análise semiológica para a compreensão dos processos de produção e circulação de significados em diferentes formas de comunicação. Eles contribuem para a compreensão dos sistemas de signos que estruturam o mundo social e cultural, bem como para a reflexão crítica sobre as formas de poder e dominação presentes nesses sistemas.

Já a intertextualidade, em termos gerais, se refere à relação entre diferentes textos e como eles se influenciam mutuamente. No entanto, a maneira como Saussure (1995) e Penn (2007) abordam a intertextualidade é diferente.

Para Saussure, a linguagem é composta de signos que são definidos por sua relação com outros signos. Ele argumenta que o significado de um signo não é dado por sua aparência física, mas sim por sua relação com outros signos em um sistema de linguagem. Em outras palavras, a linguagem é um sistema de relações simbólicas em que o significado de cada signo é definido por sua posição em relação a outros signos.

Por outro lado, Gemma Penn (2007) aborda a intertextualidade de uma perspectiva literária, explorando as relações entre diferentes obras literárias. Ela usa a intertextualidade para criar novos significados e camadas de significado em suas próprias obras. Por exemplo, em seu livro *The Walking Land*, Penn (2007) faz referências a outras obras literárias, como *O Mágico de Oz* e *O Senhor dos Anéis*, para criar um mundo de fantasia mais rico e complexo.

Embora Saussure (1995) e Penn (2007) abordem a intertextualidade de maneiras diferentes, ambas reconhecem a importância da relação entre textos na construção de significado. Para Saussure (1995), a linguagem é um sistema de signos interconectados, enquanto Penn (2007) usa a intertextualidade para criar novos significados literários. Em resumo, a intertextualidade é um conceito-chave na semiótica e na literatura, que ajuda a entender como diferentes textos se influenciam e contribuem para a construção de significado.

[...] um texto é feito de múltiplas escrituras, elaboradas a partir de diversas culturas e ingressante em uma relação mútua de diálogo, paródia, contestação; mas há um lugar em que esta multiplicidade é percebida, e este lugar (...) é o leitor: o leitor é o espaço em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações que constituem a escritura: a unidade do texto não reside em sua origem, mas em seu destino, e este destino não pode ser pessoal: o leitor é alguém sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é, simplesmente, um qualquer que articula, em um único campo, todos os traços a partir dos quais se constitui a escritura. (BARTHES, 2004, p. 64)

Para Barthes (1990), a intertextualidade é uma forma de diálogo entre diferentes textos, onde um texto referencia ou dialoga com outro. Barthes (1990), argumenta que a intertextualidade é uma parte essencial do processo de leitura e interpretação. Ele acreditava que um texto é sempre composto de múltiplas vozes e referências, muitas vezes inconscientes, que moldam o significado e a interpretação do texto. Barthes (1990) também enfatizou a importância do contexto na interpretação intertextual. Para ele, o significado de um texto depende tanto das referências explícitas a outros textos quanto do contexto histórico, cultural e social em que o texto é produzido e recebido.

3. DA ADAPTAÇÃO

A análise semiótica dos componentes visuais de uma adaptação cinematográfica envolve a identificação e a interpretação dos signos e significantes presentes nas imagens em movimento. Signos são unidades básicas de significação que podem ser expressas por meio de diferentes formas, como palavras, imagens, gestos, cores, entre outros. Já os significantes são os aspectos materiais e

perceptíveis que compõem os signos, como as letras, as formas, as cores, a textura, a iluminação, entre outros.

Ao analisar os componentes visuais de uma adaptação cinematográfica, é possível identificar diferentes tipos de signos, como os icônicos, os indexicais e os simbólicos, segundo Peirce (NOTH, 1998). Os signos icônicos são aqueles que se assemelham visualmente aos objetos ou pessoas que representam, como a imagem de um animal ou de uma pessoa. Já os signos indexicais estabelecem uma relação de contiguidade ou causalidade com o objeto ou pessoa representados, como uma pegada no chão ou um objeto que remete a uma determinada época histórica. Os signos simbólicos são aqueles que não possuem uma relação direta ou evidente com o objeto ou pessoa representados, mas são estabelecidos por meio de convenções culturais e sociais, como as palavras, números, cores de embalagens, os gestos e expressões faciais.

A interpretação dos significantes presentes nos componentes visuais de uma adaptação cinematográfica é fundamental para compreender as intenções e os valores que estão sendo transmitidos pela obra. Por meio da análise semiótica, é possível identificar os significados ocultos ou subentendidos que estão sendo transmitidos por meio dos signos, bem como as relações de poder e dominação que estão presentes nesses sistemas de significação. A análise semiótica, então, dos componentes visuais de uma adaptação cinematográfica permite compreender não apenas os aspectos estéticos e formais da obra, mas também as dimensões ideológicas, culturais e sociais que estão sendo expressas e negociadas por meio dos signos e significantes.

Por outro lado, os significantes presentes nas adaptações cinematográficas podem ser vistos como elementos intertextuais que dialogam com a obra original, estabelecendo conexões e relações com outras obras e discursos culturais. Por exemplo, o uso de determinadas cores, figurinos e enquadramentos em uma adaptação pode remeter a outras obras do mesmo gênero ou estilo cinematográfico, criando um diálogo intertextual que amplia o significado e a interpretação da obra, sendo utilizados em paródias ou citações, estratégias comuns no período da Pós-modernidade.

Na era pós-moderna, a semiótica de Barthes (1990) se tornou uma ferramenta ainda mais importante para a análise cultural, pois a fragmentação de narrativas e a multiplicidade de discursos exigem uma abordagem mais crítica e complexa da

interpretação cultural. A semiótica de Barthes (1990) destaca a importância da ambiguidade e da polissemia, ou seja, da existência de múltiplos significados em um texto ou imagem. Essa abordagem é especialmente relevante em uma época em que a cultura popular é frequentemente marcada pela hibridização e pelo pastiche, ou seja, pela mistura de elementos de diferentes tradições culturais.



Fig. 1. Kubrick, Stanley (1971) – Laranja Mecânica
Van Gogh, Vincent (1890) – Prisioneiros de Exercitando

4. O USO DO MÉTODO NA ADAPTAÇÃO

A adaptação cinematográfica do livro *Laranja Mecânica* (1962) de Anthony Burgess, sob a direção magistral de Stanley Kubrick em 1971, ergue-se como um notável exemplo das possibilidades expressivas e criativas do cinema na transformação de uma narrativa literária complexa. A ousadia e impacto das escolhas visuais de Kubrick permeiam cada frame da obra, iniciando-se desde os primeiros momentos do filme.

A presença de elementos simbólicos, habilmente inseridos, desenha uma atmosfera distópica que se entrelaça com a história, enriquecendo a narrativa com

camadas significativas e ressonantes. Esses elementos visuais, como a icônica imagem da personagem principal, Alex DeLarge (interpretado por coloque o nome do ator - Malcolm McDowell), não apenas ancoram a narrativa visual, mas também imprimem a tensão e a incerteza desse mundo distópico diretamente no olhar do público. A escolha de simbolismos visuais, como a imponente imagem do **Olho Grande** que perpassa todo o filme, contribui para a construção de uma atmosfera opressiva, em sintonia com o contexto sombrio da história.

Através da interação entre as escolhas visuais, os elementos simbólicos e a narrativa literária subjacente, a adaptação de Laranja Mecânica transcende a mera transposição de palavras para imagens, mergulhando o espectador em um universo complexo de significados e sensações.

Na adaptação da obra Laranja Mecânica para o cinema, o diretor Stanley Kubrick utilizou elementos visuais para transmitir significados e simbolismos que estavam presentes no livro de Anthony Burgess. A escolha da cor laranja como elemento recorrente na obra é uma forma de criar uma conexão entre o visual e o título da obra, destacando a dualidade entre a violência e a liberdade presentes na história, representados pelo protagonista Alex, tendo sua liberdade dada pelos pais e usá-la para a violência. Outro componente visual utilizado na adaptação é a escolha de planos detalhes para enfatizar objetos presentes em cena, como a máscara usada pelo protagonista Alex nas cenas de ataque. Esse recurso é uma forma de destacar a importância dos objetos na construção da atmosfera simbólica da obra.

A utilização da simetria na composição dos cenários e movimentação dos personagens também é um exemplo de como a semiologia é utilizada para revelar como são usados os componentes visuais da adaptação de maneira simbólica. A simetria pode ser entendida como uma forma de simbolizar a ordem imposta pelo Estado, contribuindo para a construção do contraste do universo distópico retratado na obra.

Além disso, Kubrick é famoso por usar simetria em suas obras, já que é uma poderosa ferramenta narrativa que contribui para a profundidade e impacto de suas criações cinematográficas. Kubrick utiliza a simetria como um dispositivo visual que transcende o simples equilíbrio estético, inserindo uma dimensão adicional de significado e subtexto em suas cenas.

A simetria, ao criar uma composição visualmente harmônica, reflete o desejo humano por ordem e equilíbrio, mas, paradoxalmente, também pode evocar um sentimento de inquietude, sugerindo que por trás da fachada de simetria reside um mundo complexo e muitas vezes caótico. Dessa forma, Kubrick manipula a simetria para explorar as dualidades subjacentes à condição humana, desafiando as expectativas do público e enfatizando os aspectos ambíguos e contraditórios da vida. Portanto, a simetria nas obras de Stanley Kubrick transcende a mera estética visual, enriquecendo suas narrativas e proporcionando uma experiência cinematográfica rica em significados e reflexões.



Fig. 2. Kubrick, Stanley (1971) – Laranja mecânica

<https://www.culturagenial.com/filme-laranja-mecanica-de-stanley-kubrick/>

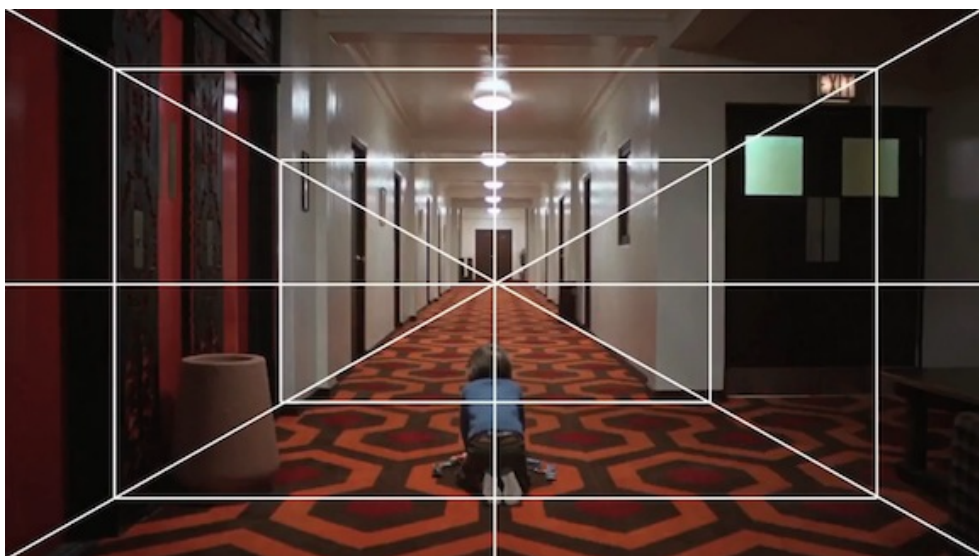


Fig. 3. Kubrick, Stanley (1980) – O Iluminado

<https://blog.ftofani.com/2012/09/01/as-perspectivas-de-stanley-kubrick/>

Por fim, a trilha sonora utilizada na adaptação também é um exemplo de como a semiologia pode ser utilizada para revelar os significados nos componentes sonoros de um filme ~~visuais~~. A escolha de músicas clássicas e arranjos eletrônicos é uma forma de criar uma atmosfera perturbadora e sedutora, destacando a dualidade presente na obra, além de dar ênfase aos sentimentos do personagem Alex em relação à violência exposta no filme, como algo encantador e que deve ser feito com paixão.



Fig. 4. Kubrick, Stanley (1971) – Laranja mecânica

<https://www.culturagenial.com/filme-laranja-mecanica-de-stanley-kubrick/>

Além de sua poderosa abordagem visual, as obras cinematográficas muitas vezes se beneficiam da intertextualidade, uma dimensão complexa e envolvente que enriquece as narrativas de maneiras surpreendentes. Ao criar conexões e diálogos entre diferentes textos, sejam eles literários, cinematográficos, artísticos ou culturais, contribui para a construção de um tecido narrativo mais intrincado e profundo.

Por meio da intertextualidade, referências e alusões a outras obras, épocas ou movimentos artísticos podem ser habilmente entrelaçadas na trama, permitindo que os espectadores mergulhem em camadas de significado mais amplas e, muitas vezes, ocultas. Esse processo desencadeia uma experiência de imersão que transcende as fronteiras do trabalho em si, envolvendo o público em um diálogo contínuo com uma vasta gama de influências culturais e contextos históricos.

Uma das formas mais evidentes de intertextualidade presente na adaptação é a utilização de elementos visuais que remetem a outras obras de arte e literatura. Por exemplo, a escolha da música *William Tell Overture*, de Gioachino Rossini, para as

cenas de violência protagonizadas pelo personagem Alex, faz referência ao filme *The Lone Ranger*, um dos maiores ícones da cultura pop americana.

Outras trilhas sonoras, também aparecem e desempenham um papel fundamental na construção narrativa e na intensificação das emoções. Um exemplo é a incorporação da música clássica *Singin' in the Rain* de Nacio Herb Brown e Arthur Freed durante a cena perturbadora da agressão de Alex e sua gangue à esposa de um escritor. Essa escolha irônica de uma música alegre contrasta com a violência na tela, criando um efeito perturbador que evoca reflexões sobre a dualidade da natureza humana e a relação entre o prazer e a crueldade.

Outra trilha sonora notável é a utilização da Sinfonia nº 9 de Beethoven, especialmente na cena final do filme. A escolha dessa composição icônica, que também é conhecida como Ode à Alegria, confere um contraste provocativo à cena final, onde Alex é submetido ao processo de reabilitação. A riqueza emocional e cultural dessa música ressoa com as complexidades do enredo e da jornada do protagonista, sendo usada como um tipo de tortura para Alex, já que admirava tanto o artista, e suas músicas representavam a beleza da tortura para o protagonista.



Fig. 5. Kubrick, Stanley (1971) – Laranja Mecânica

<https://musicaecinema.com/laranja-mecanica-filmes-mais-polemicos-da-historia/>



Fig. 6. Quarto de Alex- Laranja Mecânica – 1971

<https://br.pinterest.com/pin/776871004456042106/>

Portanto, as trilhas sonoras presentes em *Laranja Mecânica* não apenas complementam as imagens visuais, mas também desempenham um papel intrínseco na construção das mensagens e atmosferas do filme. A seleção cuidadosa dessas músicas revela a habilidade de Stanley Kubrick em utilizar o poder da música para aprofundar a experiência do espectador e expandir as dimensões interpretativas da obra.

Além disso, a adaptação cinematográfica de *Laranja Mecânica* também faz referências visuais a outras obras cinematográficas, como a utilização da técnica de slow motion nas cenas de violência, que remete ao filme *Bonnie and Clyde*, de Arthur Penn. Outro exemplo de intertextualidade presente na adaptação é a inclusão de trechos de discursos políticos e reportagens jornalísticas, que fazem referência à realidade social e política da época em que o filme foi produzido.

Esses elementos, inseridos no contexto da obra, ajudam a reforçar a crítica social presente na obra de Burgess. Por fim, a adaptação de *Laranja Mecânica* também faz uso de diálogos e situações presentes no livro de Burgess, fazendo referência direta à obra literária.

Éramos eu, ou seja, Alex, e meus três druguis, ou seja, Pete, Georgie e Tosko, Tosko porque ele era muito tosco, e estávamos no Lactobar Korova botando nossas rassudoks pra funcionar e ver o que fazer naquela noite de inverno sem-vergonha, fria, escura e miserável, embora seca. (BURGES, 1962, p 19)

Isso contribui para a fidelidade da adaptação, ao mesmo tempo em que acrescenta camadas de significado à obra cinematográfica. As referências a outras obras de arte, literatura e cinema, bem como a utilização de elementos da realidade social e política de caos da época, juntamente com a visão pessimista de Kubrick sobre esse momento ou até mesmo a característica da paródia e pastiche utilizadas na Pós-modernidade como o dialeto Nadsat, inspirado no idioma russo, usado pela gangue de Alex: Os *drooges*, enriquecem a obra cinematográfica, acrescentando significados e camadas interpretativas.



Fig. 7. Kubrick, Stanley (1971) – Laranja mecânica

<https://www.culturagenial.com/filme-laranja-mecanica-de-stanley-kubrick/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização dos significantes no filme Laranja Mecânica de Stanley Kubrick desempenhou um papel crucial na criação das representações que foram expostas ao público. O uso de elementos visuais, como a paleta de cores vibrantes e a simbologia da cultura pop, contribuiu para criar um ambiente distópico e futurista que reflete a mensagem central do filme sobre a desumanização da sociedade.

A escolha do elenco e a direção de atores também foram fatores importantes na construção das representações do filme. A interpretação icônica de Malcolm McDowell como o protagonista, Alex DeLarge, ajudou a transmitir a dualidade do personagem como um jovem carismático e perigoso.

A análise da intertextualidade é importante para compreender a estética usada na adaptação de Laranja Mecânica para a sétima arte porque permite uma compreensão mais profunda das referências culturais e literárias que informaram a criação do filme. Através da análise semiótica e da intertextualidade, podemos entender como as diferentes vozes e significados dos textos que informaram o filme foram combinados para criar a sua estética e mensagem.

Além disso, a análise da intertextualidade ajuda a desvendar as influências históricas e culturais que moldaram a produção do filme. Isso permite uma compreensão mais ampla da relação entre o filme e seu contexto, incluindo questões sociais e políticas que podem ter influenciado sua produção.

Em resumo, a análise semiótica e da intertextualidade foi essencial para entender a estética usada na adaptação de Laranja Mecânica para a sétima arte. Isso permite uma compreensão mais profunda das representações criadas pelo filme e das influências culturais e literárias que moldaram sua produção.

6. REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, R. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

DUGNANI, P. **Decifra-me ou Consumo-Te: O imaginário pós-moderno de Lady Gaga**. Anais do III Simpósio Internacional Comunicação e Cultura: aproximações com memória e história oral - Diálogos entre Brasil e México. 2019/ Organizadores: Mônica Pegurer Caprino; Priscila Ferreira Perazzo. São Caetano do Sul: USCS, 2019.

BARTHES, R. **Elementos da Semiologia**. 16ª Edição, São Paulo: Cultrix, 2006.

NOTH, W. **Panorama da Semiótica**. São Paulo: AnnaBlume, 1998.

PENN, G. Análise Semiótica de Imagens Paradas. In BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SAKAMOTO, C. K., SILVEIRA, I. O. **Como fazer Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Paulus, 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

Contatos:

sabrinabbpereira@gmail.com

patricio.dugnani@mackenzie.com.br

+55 (11) 97697-3564